

APRESENTAÇÃO

Dossiê “Polarizações”

O Dossiê desta edição reúne textos do seminário **Polarizações**, realizado em novembro de 2015, em Belo Horizonte, pelo grupo de pesquisa Mídia e Narrativa, da PUC Minas, e que contou com a participação de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras. A discussão fez-se premente em face do acirramento das polarizações políticas e sociais no período durante e imediatamente após as eleições presenciais de 2014, que deixou à mostra os contornos de uma nova direita no País, culminando no atual afastamento – seguido de intensos protestos e mobilização social – da presidenta Dilma Rousseff. Como revela o artigo de Vera Veiga França (UFMG) e Mayra Bernardes (UFMG), “Imagens, crenças e verdade nas manifestações de 2013 e 2015”, os movimentos de rua pró-impeachment, embora tentassem propagar a imagem de que eram constituídos por “cidadãos de bem”, “não baderneiros” – ou o que quer que isso signifique –, discursaram agressivamente e contribuíram para o agravamento das disputas entre apoiadores e detratores do governo, ou entre posições políticas mais conservadores ou mais progressistas. Encenaram a morte dos oponentes, advertiram para o “perigo comunista” e fizeram a apologia de governos militares e reacionários. Se essa simbólica reeditou, em parte, outros momentos da história brasileira, ela trouxe, segundo as autoras, um dado específico: “a violência de gênero, uma vez que Dilma foi a primeira presidente do sexo feminino no país”. Ércio Sena (PUC Minas) e Juliana Gusman (PUC Minas), em “Hegemonia e estereótipo no discurso da TV Revolta”, analisam também esses discursos tendo como objeto um canal criado em 2010 e que possui no Facebook sua principal mídia. A TV Revolta, estratégia “para formar a opinião pública” contra o governo Dilma, “mesmo sem se comprometer com o rigor da apuração e divulgação dos fatos”, faz uso também da violência de gênero, apropria-se de símbolos nacionais e ridiculariza as classes economicamente desfavorecidas, o que nos permite acessar uma gramática discursiva desses movimentos.

Em uma sociedade polarizada, o Outro ou é o Mesmo, isto é, exatamente como eu, aderido ao meu pensamento e posicionamento, servindo à noção de “totalidade”¹, ou, se não, ele é um completo estranho, cuja distância em relação a mim é intransponível. Se esse Outro é completamente estranho, desprovido de

1 Sobre o conceito de “totalidade” e as relações entre ética e alteridade, ver LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

qualquer aspecto em comum comigo, não possuo nenhuma responsabilidade em relação a ele, apenas hostilidade. Sabemos que a mídia hegemônica e conservadora no Brasil contribuiu, nos episódios acima, para o acirramento da crise, pelo modo, por exemplo, como vem cobrindo seletivamente a corrupção. No entanto, como assinala Silverstone², não devemos eximir as audiências nessa relação, uma vez que elas muitas vezes acatam, de forma conveniente, esses esquemas representativos e tornam-se cúmplices ou mesmo acomodadas com o midiático. Jessé Sousa, embora reconheça que a imprensa é fundamental para legitimar certos tipos de intervenção, aponta outros elementos estruturais necessários para que o golpe se concretize: o moralismo já estabelecido na classe média brasileira, por vezes com tendências antidemocráticas, e um poder ancorado na ordem constitucional, atualmente representado pelos "órgãos de controle do governo e do judiciário"³. Trata-se, portanto, de uma combinação intrincada, em que polarizações estão enraizadas socialmente.

Com as mídias sociais, pensou-se que um novo modelo de mediação desse Outro estava em curso para se tornar preponderante, com reflexão contínua sobre a diversidade e sobre qual seria a distância apropriada. Apostava-se na construção de um espaço em que o lugar de um jamais poderia coexistir com o lugar e a perspectiva do outro, como descreveu bem Hannah Arendt⁴. Nessa multiplicidade, reconheceríamos, mutuamente, a diferença e a identidade daqueles em interação, cultivando o cuidado com o outro. Mas, como alguns trabalhos deste Dossiê demonstram, esse não foi, em diversos casos, o caminho das redes sociais.

As polarizações assumem muitas faces, que podem se interpenetrar: a polarização entre classes; entre as chamadas baixa e alta culturas; a geográfica, entre Ocidente e Oriente ou entre eixos Sul e Norte; racial, de gênero, étnica, religiosa etc. Momentos de polarização são difíceis, fazem emergir "discursos de ódio" ou intolerâncias e podem levar a ações extremadas. Entretanto, esses períodos convocam-nos, de forma clara, a assumir uma posição, a reforçar ou abandonar determinadas convicções.

Este Dossiê dedica-se assim a pensar, de forma ampla, as polarizações, principalmente aquelas vinculadas à nossa circunstância, mas também outras de nossa história recente e ainda aquelas que, persistentes, foram naturalizadas.

2 SILVERSTONE, R. "Complicity and collusion in the mediation of everyday life". *New literary history*, 2002, 33. p. 761-780.

3 SOUZA, J. "O golpismo de ontem e hoje: considerações sobre o momento atual". In: SOUZA, J. *A tolice da inteligência brasileira*. São Paulo: Leya, 2015, p. 260.

4 ARENDT, H. *A condição humana*. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 70.

Na primeira parte, são apresentados seis artigos sobre as polarizações no contexto político e na sociedade brasileira atuais. Esses textos investigam oposições e violências por meio da análise de manifestações, textos jornalísticos e imagens de amadores que documentam a vida marcada pela distância insuperável e pela segregação. A sequência tem início com os dois textos já citados, "Imagens, crenças e verdade nas manifestações de 2013 e 2015" e "Hegemonia e estereótipo no discurso da TV Revolta", seguindo com o artigo "Cor e construção social", de Glória Gomide (PUC Minas), em que se recupera a genealogia da identificação do "vermelho" com os esquerdismos, assim como o uso recorrente do "azul-verde-amarelo" para um determinado posicionamento ideológico. Gomide propõe estudar a psicodinâmica das cores e o uso delas nas manifestações recentes para a construção de um discurso sociocultural. Em "Dilma no Jô: papel do *talk show* e crítica em uma sociedade polarizada", Julia Lery (PUC Minas) analisa a entrevista da presidenta Dilma a Jô Soares, feita em 2015 e que gerou, em determinado setor da sociedade, repercussões negativas e discursos de ódio contra o apresentador. Lery utiliza a noção de gênero como operador para compreender as promessas de interação inscritas no *talk show* e o modo como a forte personalização desse tipo de programa direcionou críticas veementes a Jô Soares.

Paula Guimarães Simões (UFMG) cruza, de modo pertinente, no artigo "A (in)visibilidade dos acontecimentos e a *lógica do condomínio* na sociedade brasileira contemporânea", dois acontecimentos que nos ajudam a compreender melhor o cenário de polarizações. O primeiro deles é a chacina que ocorreu em Barueri (SP), com dezoito mortes, e o segundo, uma manifestação contra o governo Dilma, também na cidade de São Paulo, três dias depois. Os acontecimentos, aparentemente distantes, são relacionados pelo olhar arguto de relatos e charges jornalísticos, que, analisados por Simões, expõem, entre outros aspectos, a "lógica de condomínio", expressão de Christian Dunker que designa bem a vida brasileira construída na segregação. O extermínio em nossa sociedade é retomado por Felipe Polydoro (USP), em "Estética e informação em um vídeo de violência policial na periferia". Nesse artigo, o registro do assassinato de um adolescente pela polícia na cidade de São Paulo é objeto de reflexão que busca compreender tanto o regime dessas imagens na cultura midiaticizada como a urgência delas pelo que denunciam.

O segundo conjunto de textos trata de polarizações encenadas e problematizadas na arte e entre celebridades, com ênfase nas relações mais ou menos imediatas, mas nunca completamente diretas, entre sociedade e ficção. O primeiro texto, "Um aspecto da Tropicália: a intermedialidade como resposta ao exílio", de Samuel Paiva (UFSCar), recupera, entre as décadas de 1960 e 1970, o momento polarizado e violento da ditadura militar ("Brasil, ame-o ou deixe-o"),

que forçava os dissidentes a sair do Brasil. A tese de Paiva é a de que a perspectiva intermediática da Tropicália, no entrecruzamento de artes diversas, torna-se, na estética da impureza, uma forma de resistência política no exílio. Lígia Lana (PUC Rio) analisa o importante filme de Anna Muylaert, em "Da porta da cozinha pra lá": gênero e mudança social no filme *Que horas ela volta?*. Para isso, seu texto retoma, principalmente através da obra de Gilberto Freyre, aspectos históricos constituintes do trabalho doméstico e da família no Brasil. Ao final, adverte para o perigo de se tomar o discurso fílmico acerca das transformações sociais e do "empoderamento" das mulheres como projeto já consumado, uma vez que desigualdades de classe e gênero são ainda sensíveis em nossa sociedade.

Os dois textos finais, "Poesia de cordel no Facebook: as potencialidades do suporte no caso do cordel Política x Amizade" e "Fama e engajamento no Instagram: as celebridades e a convocação de públicos", discutem polarizações em redes sociais. No primeiro deles, Maria Gislene Carvalho Fonseca (UFMG) examina as materialidades do cordel e como essa poesia, por meio dos versos de Braulio Bessa, reverberou no Facebook ao declamar sobre os posicionamentos políticos acirrados entre amigos e familiares na rede. Fernanda Faria Medeiros (UFMG) investiga, por sua vez, o uso do aplicativo Instagram por dois artistas célebres, Daniela Mercury e Emicida, comprometidos com causas relacionadas à diversidade sexual e ao combate do racismo, respectivamente. Na relação entre famosos e fãs, busca compreender como se dá a construção da face pública dos cantores e o modo como eles convocam seus públicos.

Agradeço a todos os pesquisadores que participaram do seminário e, ainda uma vez, à revista **RuMoRes**, que acolheu este Dossiê e permitiu que os textos circulassem juntos, como registro do encontro, mas, principalmente, de resposta intelectual ao que estamos vivemos.

Márcio Serelle (PUC Minas)